

## A EDUCAÇÃO EM SEU PROCESSO CRIATIVO EDUCATION IN ITS CREATIVE PROCESS

Eduardo Búrigo de CARVALHO<sup>1</sup>

**Resumo:** O texto tematiza o caminho criativo como uma possível saída, ainda que relativa, para os atuais impasses vivenciados por escolas e educadores. Nesse sentido, o conceito de Poiésis é apresentado. A idéia-força desse conceito propugna mudança, através da criatividade, nos processos educacionais e educativos. Trata-se de uma aposta na dimensão artística, estética, como capaz de ressignificar a função constitutiva da educação e da escola, implicando, para tanto, a aprendizagem de novas formas de olhar/ler/criar a realidade atual.

**Palavras-chave:** Educação; Processo Criativo; Poiésis.

**Abstract:** The text focuses creative ways for possible solutions of the current difficulties experienced by schools and educators are indicated. In that sense, the concept of poiesis is presented. The leitmotiv of that concept advocates change through creativity in education and educational processes. It is a commitment to artistic and aesthetic dimension, capable of re-meaning the constitutive function of education and school. Therefore, it implies learning new ways to look/read/create the current reality.

**Key words:** Education; Creative Process; Poiesis.

No decorrer da história humana, trabalhou-se durante muito tempo com o conceito de *educare*, que significa, em latim, conduzir, guiar de fora para dentro. Neste paradigma, a expressão educação correspondia ao entendimento de que se precisava de alguém para conduzir o neófito, o aprendiz, sem que este, necessariamente, se tornasse possuidor do conhecimento, apenas era guiado. Assim, tem-se o pedagogo como guia das crianças, aquela pessoa preparada para conceder o conhecimento, e não transferi-lo. Era muito cômodo para o educando, porque a responsabilidade lhe era negada. Até porque se não houver pertença, não se lhe pode tirar.

Nos dias atuais, pode-se depreender que muitos docentes continuam a atuar sem compromisso maior de provocar mudanças qualitativas na educação. Não há nenhum interesse em determinar culpa no processo, apenas a elucidação de fatos.

---

<sup>1</sup> Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNISUL. Graduado em Licenciatura e Filosofia pela Universidade Federal do Paraná (1971), mestrado em Ciência Política e Sociologia pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (1985) e doutorado em Ciências da Educação - Universidad Pontificia de Salamanca (1996). E-mail: [eduardo.burigo@unisul.br](mailto:eduardo.burigo@unisul.br)

A realidade brasileira leva a uma reflexão sobre o outro paradigma histórico no processo da educação, que vem do conceito *educere* – retirar, extrair de dentro para fora, o processo maiêutico de educação. Analogicamente, como a parteira ajuda a gestante a dar à luz o filho, assim o docente ajuda a “retirar” o conhecimento do educando. O processo é compartilhado, é mútuo, exige reciprocidade entre o magister e o discente. Nesse paradigma, existe a educação dialógica, processual, contínua, participativa e comprometida. Obviamente, não haverá um remédio universal para resolver os problemas da educação, até porque são muitos e as soluções não serão universais, mas sempre, contextualizadas e mais ou menos específicas.

Nesta análise em que se está estabelecendo pontos de convergência com a educação e seus paradigmas a partir do conceito de *educere*, pretende-se demonstrar que o caminho criativo é uma saída, ainda que relativa, mas que estabelece algum parâmetro de atuação filosoficamente comprometida com a mudança.

Apresentam-se aqui estas idéias, porque *Poiésis* propugna mudança. A idéia-força pretende ser a da mudança, através da criatividade, nos processos educacionais e educativos.

O autor deste texto afirma:

Segundo Ortega Y. Gasset, filósofo espanhol, morto em 1955, é a fé na vida que deve prevalecer. Portanto, para o homem não há a natureza, mas apenas a história, e o homem se faz vivendo. Perguntaram certa vez a este filósofo. Ortega, quem tu és? Ele respondeu: Eu sou eu mais as nossas circunstâncias. Seguindo este princípio filosófico de vida, pode-se dizer: nós somos nós mais as nossas circunstâncias (FIORI; BURIGO, 2006, p.23).

A retomada da *Poiésis*, agora como uma revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Educação demonstra sua dinâmica própria, concreta com o conceito nela posto. Espera-se que, ao longo dos anos, se possa contribuir com alicerces firmes, coerentes, humanizantes e academicamente construídos, a criação na educação de uma utopia, no dizer de Pierre Fürter, o inédito realizável, a tão sonhada e buscada *Poiésis*.

Educação é algo complexo, nunca gratuito. Carregada de intencionalidade, busca também uma utópica eternidade, conseguindo muitas vezes uma relativa perenidade. Afinal de contas, é uma mediadora entre gerações. Os meandros deste

imenso rio vão possibilitando, nos seus remansos, o estabelecimento de valores, critérios de verdade e, por que não, de expectativas gerais e muito particulares. Seguindo seu curso, o rio educação vai recolhendo experiências das mais diversas e, ao mesmo tempo, fertilizando (ou poluindo) o seu entorno, sua bacia hidrográfica.

Poiésis, para seu entendimento, pressupõe a compreensão dos conceitos de *mímesis e théoria/práxis*. São três grandes eixos em torno dos quais se estrutura o pensamento ocidental.

Aristóteles (1984), na *Poiética*, contou-nos sobre a *mímesis*. A imitação é o primeiro estágio da criação intelectual, artística. O ato de imitar, diz o filósofo grego, é congênito no homem e, mais ainda, este se deleita com o imitado. Quanto mais próxima da reprodução da natureza, dos mitos, as sociedades, mais verdadeiras são a poesia, a obra de arte, a arte da educação, a educação. Mas surge uma contradição entre verdade e a recriação da natureza. Aristóteles supera o problema com o conceito de verossímil. A verossimilhança não expressa *ipso facto* a verdade, mas a possibilidade de uma obra ser verdadeira.

Na *mímesis* temos um tipo, uma forma e um método de educação. Como teoria do conhecimento, poderíamos cotejá-la com diversas escolas e teorias educacionais, inclusive as mais recentes, e descobrir que todas formam um só bloco epistemológico. As teorias educacionais atuais devem ser gratas ao grego genial.

*Théoria* vem do verbo grego *theorein*, que significa olhar, completar. Mas não é simples olhar. É um olhar sobre a natureza como fornecedora de um conhecimento. É um olhar de quem quer conhecer. O verbo, por sua vez, vem do substantivo *theio*, que quer dizer Deus. Do olhar que busca o conhecimento, que reflete, que medita, a princípio sobre algo que transcende o pensador, Deus, este *theorien*, com os séculos, transformou-se em *théoria*, que, entre muitas acepções, pode-se afirmar ser a capacidade de construir modelos abstratos para reproduzir o real em outro nível de conhecimento, além do simples conhecer. Mas, se no tempo dos gregos, podia-se falar em *théoria*, uma reflexão sobre a realidade, já há algum tempo não se pode desgrudá-la da *práxis*. Esta última, entendida como a capacidade do homem, com a sua criatividade, de mudar o ambiente externo, a natureza, a realidade, mas também, com isso, mudar a si mesmo, sua subjetividade. Daí a acepção clássica de Marx em

sua terceira tese sobre Feuerbach: os homens estão condicionados pelo ambiente e pela educação, mas também é verdadeiro que são precisamente os homens que são capazes de mudá-las. Como resultado, ter-se-á então uma *théoria/práxis*. Ou melhor, segundo Marx: não basta apenas o sujeito, a consciência, mas também o objeto.

A *poiésis* ultrapassa em muito os conceitos de *mímesis* e *práxis*. Em ambos há a criação e a modificação do meio ambiente, cujas estruturas homólogas perduram até hoje. Gramsci (1983, p. 115) assinala que “a escola criadora é o coroamento da escola ativa”. Explica que a criatividade e a originalidade não devem ser buscadas a todo custo. Isso deve decorrer de um esforço autônomo e espontâneo do aluno, muito bem orientado por professores, que o leva a atingir sua maturidade intelectual.

A trilogia *mímesis*, *théoria/práxis* e *poiésis* não é excludente, é interdependente e incessantemente realimentadora. A coexistência das três fortalece a individualidade de cada uma na sua dimensão concebida.

A *poiésis* é o ato de criador e essencialmente fundador. Ela coloca na cultura, na história do pensamento humano um novo significante, que, pelo seu poder de germinação e multiplicação, é capaz de fundar novos paradigmas. Pelo seu caráter de fundação, a *poiésis* é profundamente revolucionária, não apenas porque muda e transforma o mundo a sua volta, mas também porque, principalmente, aparentemente sem raízes no passado, instala um marco a partir do qual o mundo nunca mais será o mesmo. Alguns exemplos: o Cristianismo, a Mecânica de Newton, o Heliocentrismo de Copérnico, a Psicanálise de Freud, a Relatividade de Einstein. A educação por si só tem condições de implantar a *poiésis*? Talvez. Mas se luta para que a educação se empenhe na direção do surgimento deste algo que por si só justifica a existência da humanidade: a *poiésis*.

As discussões acadêmicas arroladas neste primeiro número da Revista Poiésis proporcionaram um leque de temas pertinentes e interessantes à educação. Abordam temas como “Formação continuada do professor de matemática”, produções pessoais do pesquisador Ademir Damazio, que reflete sobre as condições para as ações pedagógicas no cotidiano docente. As relações conceituais do mundo da matemática, sendo elaboradas no dia-a-dia do processo educativo.

O trabalho docente do professor de matemática como articulador do conceito e não como estímulo, apenas, à memorização como algo mecânico. O processo criativo está presente no cotidiano da matemática.

Um segundo artigo, “Antropologia cultural brasileira e educação – contribuições ecologistas para uma pedagogia da devoração”, dos pesquisadores Valdo Barcelos e Ivete Souza da Silva.

No encontro/confronto de diferentes culturas oportunizado no processo educativo é propício ambiente para um diálogo inter e intra-cultural.

A mudança de paradigmas culturais, através da filosofia da antropologia cultural cria/reforça idéias, valores e conceitos. A pedagogia da “devoração” embasa elementos construtivos da criatividade, demonstrando que a educação como veículo primordial na dimensão cultural pode proporcionar um ambiente favorável à criatividade, quiçá a uma orientação poética como Oswald de Andrade.

Um terceiro artigo da pesquisadora Sandra Richter “O poético e o ficcional na educação das crianças”. A autora aborda a produção infantil como a arte do encantamento, do artístico e do poético. A arte da criação leva o estado poético a emergir. Uma discussão sobre limites e perspectivas das artes plásticas no ambiente infantil.

Um quarto artigo, “Da disseminação da cultura de avaliação educacional: estudo sobre a institucionalização do ENEM”, da pesquisadora Maria Angélica Pedra Minhoto. A cultura da avaliação implantada a partir dos processos avaliativos. O impacto e repercussões da terceirização do ENEM. O embate entre o privado e o público no processo e resultados da avaliação nacional do ensino médio. Esta avaliação condiciona méritos e alternativas diferenciadas no processo educativo.

O quinto artigo, “Inclusão escolar e formação continuada de professores: relações e contrapontos”, da pesquisadora Simone Girardi Andrade, reflete o tema de uma maneira criativa e destaca a necessidade de se ter uma ação criadora na formação dos profissionais da educação. A prática pedagógica e as políticas públicas da educação buscam ações convergentes na inclusão e na formação continuada.

O último artigo, “A formação de professoras alfabetizadoras”, da pesquisadora Maria Aparecida Lapa de Aguiar, apresenta reflexões oriundas de sua

tese de doutorado sobre os fatores que condicionam, impactam e intervêm nas escolhas teórico-metodológicas nas práticas de professoras alfabetizadoras.

Nesta breve apresentação dos artigos que compõem este primeiro número da Revista Poiésis, gostaria de salientar aos que contribuíram conosco e àqueles que venham a contribuir, que o objetivo de colocarmos esta revista eletrônica é possibilitar e incentivar o intercâmbio acadêmico e científico nas áreas de educação e afins. Diálogo a ser estabelecido no sentido de abertura ao outro, apostando na produtividade de se expor e assumir uma postura reflexiva.

### **Referências**

ARISTÓTELES. *Poiética*. Tradução, comentário e índices analítico e onomástico de Eudoro de Souza. **Coleção Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

BOBBIO, N.; MATTENCCI, N. **Dicionário de política**. México: Siglo Vientiuno Editores, 1982.

FIORI, N.; CARVALHO, E. B. Tortuosos caminhos da “invenção de si”: política, nacionalismo cultural e estrangeirismos no Brasil. In: CARVALHO, E. B.; COSTA, G. **Educação: questões contemporâneas**. Florianópolis: Insular, 2006. p.17-44.

GRAMSCHI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura**. São Paulo: Círculo do Livro, 1981.